

FONOAUDIOLOGIA & EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO DA PRÁTICA HISTÓRICA

Speech-language and hearing pathology & education: a review of historical practice

Stella Maris Cortez Bacha ⁽¹⁾, Alda Maria do Nascimento Osório ⁽²⁾

RESUMO

Objetivo: compreender o contexto da Fonoaudiologia no Brasil e, particularmente, sua relação com a Educação. **Métodos:** através de literatura fonoaudiológica e educacional fez-se uma retomada histórica, associando-se o fazer fonoaudiológico a questões políticas, econômicas e educacionais que envolveram seu surgimento e estruturação. **Revisão:** a graduação em Fonoaudiologia no Brasil surgiu com o incentivo econômico e político do governo, no modelo educacional da Escola Nova, ligada à atividade pedagógica do professor, mas o caráter reabilitador exigiu mais aproximação da área médica. Na década de 70, a teoria de Piaget era dominante e nos anos 80 importaram-se idéias diferentes das vigentes. Neste contexto, com a liberdade de se pensar e agir, houve a regulamentação da profissão. Iniciava-se também a realidade mundial do pouco emprego. **Conclusão:** o surgimento da profissão, a estruturação dos cursos e a prática do fonoaudiólogo são determinadas por necessidades, possibilidades e interesses políticos, econômicos e sociais.

DESCRITORES: Fonoaudiologia/história; Educação/historia; Educação superior; Literatura de revisão [Tipo de publicação]

■ INTRODUÇÃO

Segundo a Lei nº 6965 de 09/12/1981, artigo 1º, parágrafo único, Fonoaudiólogo é o profissional com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas na área de comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões de fala e voz ¹.

Recentemente, o Conselho Federal de Fonoaudiologia - CFFa publicou documento oficial referindo que o Fonoaudiólogo é um profissional da Saúde, de atuação autônoma e independente que exerce suas funções nos setores público e privado, responsável pela promoção de saúde, avaliação e diagnóstico, orientação, terapia (habilitação e

reabilitação) e aperfeiçoamento dos aspectos fonoaudiológicos da função auditiva periférica e central, função vestibular, linguagem oral e escrita, voz, fluência, articulação da fala, sistema miofuncional orofacial, cervical e deglutição, podendo também exercer suas atividades de ensino, pesquisa e administrativa, além de ter atuação clínica, empresarial, escolar (escola especial e regular), hospitalar, dentre outros. Estes campos (áreas e locais) de atuação vêm se ampliando cada vez mais ².

No Brasil, os cursos de graduação em Fonoaudiologia são de nível superior, com duração de 4 anos. São mais de 24.000 fonoaudiólogos ativos inscritos nos Conselhos Regionais, sendo a maior concentração na região Sudeste ³. Após a graduação, o fonoaudiólogo pode atuar em qualquer campo, tanto na terapia como na audiologia, desde que tenha o registro (obrigatório) no CFFa, através de seus Conselhos Regionais. São estes órgãos que autorizam, fiscalizam e regulamentam o exercício profissional do Fonoaudiólogo no Brasil ¹.

Há vários cursos de especialização nas áreas fonoaudiológicas e também em áreas afins, ministrados por várias instituições, porém somente

⁽¹⁾ Fonoaudióloga, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CAPES; fonoaudióloga em clínica particular

⁽²⁾ Pedagoga, Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista; Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

o CFFa, a partir de 1996, concede o Título de Especialista, em quatro áreas: Motricidade Oral, Linguagem, Voz e Audiologia⁴.

A partir destes dados (amplos e usuais) da atuação fonoaudiológica pergunta-se: em que contexto político, econômico e educacional surgiu esta profissão no Brasil? como é a correlação (histórica) com a Educação? como pode ser explicada a situação do mercado de trabalho?

Este é um artigo de revisão de literatura que teve como objetivo geral compreender melhor o contexto da Fonoaudiologia no Brasil e, particularmente, sua relação com a Educação, vista a atuação em Fonoaudiologia Escolar.

■ MÉTODOS

Através de literatura fonoaudiológica e educacional fez-se uma retomada histórica, procurando associar o fazer fonoaudiológico à questões políticas e econômicas, bem como às teorias educacionais que envolveram seu surgimento e estruturação. Dados de vários países foram expostos, mas o enfoque foi a história da Fonoaudiologia no Brasil.

REVISÃO DE LITERATURA

Surgimento da Fonoaudiologia no contexto mundial

Tem-se informação de que nos meados de 1920 surgiram na França os primeiros estudos científicos relacionados à Fonoaudiologia, sobre a Comunicação Humana. Na década de 1930, doutores em psicologia que estudavam a comunicação humana, fundaram a primeira escola americana de Fonoaudiologia. Na época estavam sob o impacto das experiências de Skinner e maravilhados com as teorias de Piaget na França. A Universidade de Iowa adaptou a linha behaviorista-cognitivista⁵.

Perfil sócio-político-educacional no Brasil a partir de 1920

No Brasil, em 1920 surgia ainda a primeira tentativa de organizar uma universidade, com os cursos de Medicina, Engenharia e Direito. Os fins do ensino superior eram criar bases culturais necessárias para o desenvolvimento sócio-econômico⁶.

Na década de 20, houve, no Brasil, crescimento do setor médio da população composto da pequena burguesia das cidades, funcionários públicos, empregados do comércio, as classes liberais e intelectuais, militares (então com origem na classe média). Estava sendo proposto o modelo de escolarização da Escola Nova (em ritmo bem me-

nos evoluído que em países da Europa). O entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico eram marcantes. Acreditava-se que a educação era um fator determinante na mudança social. Havia alto índice de analfabetismo⁷.

O período de 1931 a 1937 foi caracterizado como “conflito de idéias” quanto à posição do governo brasileiro perante a educação. Uma das medidas era o desenvolvimento das instituições de educação e de assistência física e psíquica à criança de idade pré-escolar e de todas as instituições complementares pré-escolares e escolares e entre estes, os serviços médicos e dentários escolares com ações preventivas e educativas⁷.

No período de 1937 a 1955 (entre 1937 e 1945 instala-se o Estado Novo de Getúlio Vargas, coincidindo com II Guerra Mundial e o impulso do capitalismo brasileiro) não se observaram mudanças nas duas condições consideradas indispensáveis para o atendimento mais adequado à população escolar: melhor formação do professor e organização de classes numerosas⁷.

Em 1930 havia no Brasil uma universidade federal (Rio de Janeiro) e outra estadual (Belo Horizonte). Em 1934 inicia-se uma universidade em São Paulo, em 1935 a primeira do Distrito Federal, e em 1936, uma em Porto Alegre. Do final de 1945 até a votação da Lei de Diretrizes e Bases de 1961 houve massificação do ensino superior. Nesta época foram instituídas várias universidades federais, estaduais e particulares, inclusive a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC/Campinas, fazendo parte de um quadro de 30 universidades, no início dos anos 60. Havia ainda, espalhadas por todo o país, faculdades e escolas isoladas⁸.

Com Juscelino Kubitschek de Oliveira na Presidência da República a partir de 21 de abril de 1960, o Poder Executivo passou a ter sede na cidade de Brasília e o município do Rio de Janeiro (até então Distrito Federal) foi transformado em estado da Guanabara. Junto ao vice-presidente João Goulart, o programa de trabalho era fazer o Brasil progredir: “cinquenta anos em cinco”. Desta forma, o mercado de trabalho ampliou-se, principalmente no nível universitário (foram aprovadas várias medidas relacionadas à fundação e reformulação de universidades e seus cursos), acompanhando o ritmo desenvolvimentista de Kubitschek. Com a expansão do ensino superior a partir de 1960, sem precedentes no Brasil e o incentivo de Juscelino Kubitschek ao crescimento acelerado das empresas, houve uma crescente busca à universidade, sempre procurando a ascensão social. Paralelamente houve, então, um aumento da demanda também no segundo grau que culminou com a falta de va-

gas. Em 1960 havia 43% de vagas nas instituições particulares e, na década de 70, 77%⁸.

Contexto educacional brasileiro na época do surgimento da Fonoaudiologia

Os primeiros cursos de Fonoaudiologia no Brasil originaram-se na década de 1950, no Rio de Janeiro/RJ e na década de 1960, em São Paulo². Porém, há sinais registrados de sua prática desde o início do século passado. É frágil a explicação de que a Fonoaudiologia surgiu a partir da necessidade de reabilitação de indivíduos portadores de distúrbios da comunicação. Podemos lançar a seguinte questão: como estas patologias sempre existiram, por que num dado momento foi preciso “tratá-las”?⁹.

Na década de 1920 houve política sistemática de controle da linguagem com medidas para sua padronização e sistematização. Entre essas medidas, o tratamento das pessoas portadoras de patologias. Estas diferenças de linguagem eram as variações dialetais, identificadas desde o final do século XIX com a vinda de imigrantes nacionais e estrangeiros para as regiões de maior potencial e desenvolvimento industrial do país. Esta era a forma de desenvolvimento sociocultural daquele período. Houve necessidade de fixar e localizar os limites entre o normal e o patológico. Observa-se que anteriormente à década de 1960, houve práticas e conhecimentos sistematizados que permitiram a elaboração de um currículo específico⁹.

E como eram as teorias educacionais?

No livro *Escola e Democracia*¹⁰, as teorias educacionais são elucidadas recorrendo às concepções de mundo e de homem implícitas nestas. Ao descrever os modelos de escolarização encontra-se que, inicialmente, havia a Proposta Tradicional que visava o aprender e, caso não aprendesse, o aluno era marginalizado. Esta proposta de aprendizagem era centrada no professor, mas sistematizada e com certo caráter científico.

Já a Escola Nova visava “o aprender a aprender”. Nesta fase houve a defesa dos anormais (anormalidade era um fenômeno normal). A educação era centrada no aluno e com grupos pequenos. Como tinha caráter pseudocientífico, fracassou, privilegiando as elites. A Escola Nova, nada democrática, tomou força no Brasil a partir de 1930 e teve seu auge em 1960¹⁰.

Na tentativa de preencher a lacuna deixada pela Escola Nova surgiram outras tentativas, como uma espécie de “Escola Nova Popular”, como, por exemplo, as Pedagogias de Freinet e Paulo Freire. Também havia grande preocupação com os métodos pedagógicos e articulou-se uma nova teoria educacional: a Pedagogia Tecnicista. Para tornar a pedagogia objetiva e operacional, o trabalhador se adaptava ao processo de trabalho. O professor e o aluno

eram secundários. Nesta fase, marginal era o incompetente, o ineficiente e o improdutivo. Tinha-se como base de sustentação teórica o behaviorismo, a engenharia comportamental, ergonomia, informática, cibernética, todas inspiradas na filosofia neopositivista e o método funcionalista que fazia reprodução cultural, contribuindo para a reprodução social, reforçando a marginalização (marginalidade vista como fenômeno acidental: desvio, distorção). As Pedagogias Tradicional, Nova e a Tecnicista são classificadas como “teorias não-críticas”¹⁰.

A chegada dos textos de Vygotsky e Bakhtin no Brasil, na segunda metade da década de 70, também está inserida num contexto histórico. Nesta época a ideologia vigente no Brasil era a da Segurança Nacional, e como consequência a pedagogia tecnicista foi implantada, conforme exposto anteriormente. Paralelamente a essa pedagogia oficial, outras propostas se desenvolveram no meio educacional: a Pedagogia Nova (dos anos 60-70) que se baseou nas teorias Piagetianas. Na década de 70, como Piaget não tinha motivos para ser proibido (já que não ameaçava as estruturas de poder político e não discutia as contradições de classe), houve proliferação de pré-escolas baseadas em suas teorias e então, ele se tornou referência do “progressista possível”. A pedagogia de Freinet também conquistou educadores. Os anos 80, final do regime militar, permitiram maior penetração, importação de idéias novas ou diferentes das vigentes. Chegaram da Rússia os textos com as idéias de Vygotsky e Bakhtin. Com a crise econômica brasileira e mudanças políticas, houve discussões (organizadas por grupos) com o objetivo de repensar o papel do educador na sociedade. Logo, mudanças no cenário político trouxeram mudanças na forma de pensar a Educação. Procurou-se, então, pensar a Educação com outros parâmetros, como a Psicologia e a Linguagem. Isso porque provavelmente a situação vigente não atendia a demanda da realidade brasileira: fracasso escolar e dificuldades de aprendizagem. Com Vygotsky chegaram também os textos de Leontiev e Luria, já que nesta época procuravam-se enfoques diferentes dos de Piaget. O que direcionava esta busca era a preocupação com o social. Os piagetianos reagiram com defesa e resistência à teoria sócio-histórica¹¹.

Surgimento da Fonoaudiologia no Brasil e sua inserção na educação e saúde

Os primeiros profissionais a exercerem a fonoaudiologia, nas décadas de 40 e 50, foram os “ortofonistas”, que faziam a “correção” da fala e tinham formação e prática ligadas ao Magistério¹². Estes professores faziam cursos de curta duração (aproximadamente 3 meses) e se habilitavam a trabalhar com os distúrbios da comunicação, denomi-

nando-se também Terapeutas da Palavra ou Logopedistas¹³.

A profissão do fonoaudiólogo nasceu ligada à atividade pedagógica do professor, mas o caráter reabilitador exigiu mais aproximação da área médica¹².

Em São Paulo/SP, os primeiros cursos de graduação em “Logopedia” foram organizados por médicos e psicólogos, na Universidade de São Paulo - USP (1960) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (1961), cuja influência médica determinou característica eminentemente clínica aos profissionais¹³. O primeiro curso foi criado junto à medicina, mas exigia que os candidatos tivessem formação como professor e, preferencialmente, ligada a crianças excepcionais. O segundo surgiu para auxiliar a Psicologia a dar soluções aos problemas escolares. Ambos os cursos se desenvolveram dentro da clínica e as funções de reabilitação e avaliação da audição vieram de modelo argentino¹⁴.

Depois da criação dos cursos na USP e na PUC/SP, foi criado o curso de “Fonoaudiologia” da Universidade Federal de Santa Maria - RS¹².

Historicamente, a Fonoaudiologia teve seu início bastante ligado à Educação, distanciando-se dela quando da formação dos cursos de nível superior¹⁵.

A Fonoaudiologia, para criar seus procedimentos, lançou e ainda lança mão dos conhecimentos da Psicologia, Sociologia, Pedagogia, Linguística, Filosofia, Biologia, Física e de outras áreas que a complementam¹⁶. No trabalho com linguagem e aprendizagem há respaldo nas teorias de Piaget e Vygotsky, acompanhando as tendências educacionais^{10, 11, 17, 18}.

O fonoaudiólogo vem ampliando seu campo de atuação e, procurando orientar este profissional no mercado de trabalho, o Conselho Federal de Fonoaudiologia, no uso de suas atribuições, vem legalizando e legitimando várias áreas de atuação como: a atuação fonoaudiológica em escolas¹⁹, a triagem auditiva neonatal²⁰, a triagem auditiva escolar²¹. Vem também fazendo recomendações, dentre as quais a que dispõe sobre o funcionamento de clínicas e consultórios²², caracterização das ações inerentes ao exercício profissional do fonoaudiólogo², e o novo código de ética²³.

Fonoaudiologia no mundo e sua inserção na educação e saúde

Tem-se informação de que a atuação fonoaudiológica tem caráter mais social nos países do primeiro mundo, acompanhando o quadro sócio-político e econômico. Porém nem sempre tem o mesmo reconhecimento científico que no Brasil²⁴⁻²⁸.

O curso de graduação em Fonoaudiologia nos

Estados Unidos é oferecido em faculdades e universidades do país, sendo de nível superior, com duração de 4 anos. Com a graduação, o fonoaudiólogo só pode trabalhar em escolas. Para trabalhar sem supervisão de outro profissional em clínica e adquirir autonomia profissional, é preciso curso de mestrado, com duração de 2 anos. O curso de mestrado é mais uma necessidade que uma opção. Ao ingressar no curso de mestrado, o fonoaudiólogo opta pela Terapia ou pela Audiologia. Há também o doutorado, dando complementação à carreira acadêmica, permitindo ao fonoaudiólogo ministrar aulas. A Fonoaudiologia é denominada *Speech-Language and Hearing Pathology*. A entidade que cuida do profissional é a *American Speech-Language and Hearing Association* - ASHA. É necessário o certificado de habilitação desta instituição para atuar em clínicas. A ASHA exige, no mínimo, 40 horas de curso de educação continuada por ano, podendo variar em cada estado americano, para manter a licença profissional. A maioria dos fonoaudiólogos americanos trabalha em escolas públicas e o restante em hospitais, *home care* e clínicas públicas. Existem poucas clínicas privadas. Deve-se ressaltar que o trabalho com Motricidade Oral ainda é pouco valorizado. A *International Association of Orofacial Myology* - IAOM - é a associação que capacita profissionais da área de Motricidade Oral, não somente fonoaudiólogos, para este trabalho²⁴⁻²⁵.

No Canadá, o curso de Fonoaudiologia é de nível superior, mas somente em nível de Pós-Graduação (Mestrado) com dois anos de duração correspondente à graduação no Brasil. As áreas de atuação são, basicamente, as mesmas que no Brasil. Para atuar é necessário também um exame para fazer parte do *College of Audiologists and Speech-Language Pathologist* e a renovação periódica deste²⁵.

Em toda a Europa existe uma política para que os cursos de Fonoaudiologia sejam de nível médio. Os países nórdicos são tidos como os que apresentam conhecimentos mais avançados. Na Holanda, a fonoaudiologia não tem nível universitário²⁸. Destacadamente, em Portugal, país com o qual o Brasil guarda estreitas relações profissionais, o curso de Fonoaudiologia tem o nome de Terapêutica da Fala e tem o grau de bacharel, curso superior desde 1994, com duração de três anos. A atuação é em áreas semelhantes às do Brasil. Neste país, a Audiologia é outro curso superior com duração de três anos²⁵.

Os cursos de Fonoaudiologia da América do Sul são na maioria recentes e ainda há pouca atuação em prevenção. Somente na Argentina os cursos e a atuação do Fonoaudiólogo são mais estruturados. Na Argentina há sete universidades cujos cursos

têm nível universitário e três com nível técnico. Em Rosário, o curso é de 5 anos e possui perfil clínico e de pesquisa²⁷.

Um documento publicado pela *American Speech-Language and Hearing Association*²⁹ em colaboração com a *International Association of Logopedics and Phoniatrics*, relacionou, em 1994, os cursos de Fonoaudiologia de 59 países. Tal documento caracterizou as agências competentes para o credenciamento da profissão. Em alguns países como a China, Rússia, Dinamarca, Tailândia e Armênia a responsabilidade é atribuída ao Ministério da Educação. Já na Finlândia, Alemanha, Israel, Portugal e Japão, o credenciamento é autorizado pelo Ministério da Saúde. Em outros, é necessário a ação de dois órgãos: Ministério da Saúde e Educação; Ministério da Educação e Associação Profissional.

No referido documento da ASHA²⁹, se levantou as áreas (diversificadas) de atuação nos estágios acadêmicos: jardins da infância, escolas especiais, hospitais, serviços públicos de saúde, ambulatórios e clínicas universitárias.

A história na França é semelhante à no Brasil. De 1930 a 1960 a atuação atendeu a demanda médica; de 1960 a 1975 ocorreu a legalização da profissão e a criação da instituição universitária específica. De 1975 a 1990 houve implantação do campo de competência do profissional, havendo conceitos referentes à prevenção e diagnóstico precoce¹².

Nas estruturas dos cursos de Fonoaudiologia estão presentes, em todo o mundo, disciplinas relacionadas às áreas da Educação e da Saúde¹².

■ DISCUSSÃO

A graduação em Fonoaudiologia no Brasil iniciou-se em 1950, no Rio de Janeiro/RJ e em 1960-1961, em São Paulo/SP, numa época de grande incentivo econômico e político do governo federal (apesar da necessidade de se formalizar as práticas já existentes desde a década de 1920), no modelo educacional da Escola Nova^{2, 5-14}.

As teorias de Educação e Linguagem das quais o fonoaudiólogo faz uso são também deste contexto. Pôde-se constatar que a prática fonoaudiológica acompanha as tendências educacionais¹⁵⁻¹⁸.

Na década de 70, a teoria de Piaget era dominante na Educação. Era uma forma de se estudar desenvolvimento e linguagem. Nos anos 80, final do regime militar, houve importação de idéias novas ou diferentes das vigentes com os textos de Vygotsky, Leontiev, Luria e Bakhtin¹¹. Esta outra possibilidade de se estudar a linguagem também foi adotada pelos fonoaudiólogos^{17, 18}. Já neste contexto, com a liberdade de se pensar e

agir, houve a regulamentação da profissão do fonoaudiólogo^{1, 11}.

O caráter reabilitador aproximou mais o fonoaudiólogo da área médica, que teve seu início relacionado à área educacional, apesar de, atualmente, estar buscando novamente espaço na Educação^{2, 12, 15}, mas tal fato pode estar relacionado também a questões do mercado de trabalho.

Nos últimos 20 anos (coincidindo com a época da regulamentação da profissão do fonoaudiólogo¹) houve aumento da insegurança no trabalho, devido a mudanças na economia capitalista³⁰.

A Revolução Industrial, no final do século XVIII, modificou a relação homem-trabalho e o motor principal dessa modificação foi o processo produtivo capitalista, o qual colocou o desenvolvimento da sociedade sob o lastro das necessidades geradas pelo próprio processo produtivo. Apesar de ter trazido o planejamento, a organização e o controle do trabalho, este processo produtivo, na Modernidade, só encontra sua energia na geração incontrolável de mercadorias. Nesta exigência (performance), o trabalho é o ponto de conexão com a realidade, em que o sentido de ser está ligado ao sentido de ter. A menor incompatibilidade entre esses dois sentidos (ser e ter) estressa, desmotiva, deixa o indivíduo insatisfeito consigo mesmo; gera a loucura. A exigência em ser alguém na sociedade produz o processo de despersonalização, que é o desumanizar-se aos poucos no sistema de produção-consumo³¹.

O conceito de trabalho esteve ligado às necessidades de sobrevivência do trabalhador, mas sua natureza social se condiciona, atualmente, aos limites da empregabilidade, que é a capacidade de obter lugar relativamente permanente no mercado de trabalho. Desta forma, colocou em xeque seu resultado transformador, pois parece pregar apenas o aperfeiçoamento da sociedade (e não a sua mudança) através de tecnologias avançadas e apropriadas. Já que o trabalho é uma categoria de organização da dinâmica social, passa a ser uma necessidade concreta da instituição do ser social³¹.

Esta é a realidade mundial do pouco emprego e da necessidade de conseguir um lugar no mercado de trabalho^{30, 31}. Então, talvez, também por este motivo, o fonoaudiólogo amplia diariamente sua atuação na área da Saúde e tenta reconquistar sua atuação na área da Educação^{1, 2, 19, 21, 23}.

A profissão "fonoaudiólogo" ainda está em fase de definições e delimitações não só no Brasil, mas em vários países^{2, 4, 12, 22-29}. O ritmo e a forma destes são determinados não só pelo contexto intrínseco da Fonoaudiologia, com suas produções científicas e práticas conquistadas, mas por um contexto maior, determinado pela realidade social, política

e econômica, historicamente explicada. Há dados de estreita relação com a Educação, principalmente nos países em que se investe mais em prevenção.

Como pôde ser observado, optou-se por abordar uma parte dos aspectos relacionados à Fonoaudiologia, mas outros poderiam, com certeza, ser levantados, além da relação focada neste trabalho com a Educação, visando a compreensão da atuação em Fonoaudiologia Escolar (escolas do ensino regular). Novos estudos históricos devem ser desenvolvidos para que o universo da Fonoaudiologia nacional e internacional seja melhor compreendido.

■ CONCLUSÃO

Como considerações finais nos parece que o surgimento da profissão, a estruturação dos cursos de graduação e a prática do fonoaudiólogo (com as teorias de educação e linguagem das quais faz uso) são determinadas por necessidades e possibilidades do mercado de trabalho, e interesses políticos, econômicos e sociais mais abrangentes.

No estudo da prática em Fonoaudiologia Escolar, esta revisão de literatura sugere que além do contexto específico (fonoaudiológico) e global (macrossocial) é necessário se considerar o contexto educacional, com o qual o fonoaudiólogo guarda estreitas relações, pelo menos no Brasil.

ABSTRACT

Purpose: to understand the context of the *Speech-Language and Hearing Pathology* in Brazil and the relationship with the Education. **Methods:** a historical retaking was made trying to associate to political, economical and educational subjects. **Review:** the graduation in Brazil appeared in a time of the government's great economical and political incentive, in the educational model of the New School. The profession was born linked to the teacher's pedagogic activity, but its rehabilitation character demanded more approach of the medical area. In the decade of 70, the theory of Piaget was dominant. In the eighties, final of the military regime in Brasil, there was new ideas from Russia. Already in this context, with the freedom of to think and to act, there was the regulation of the profession. **Conclusion:** the born of this profession in Brazil, its structuring and practice were relationship with needs, possibilities and political, economical and social interests.

KEYWORDS: Speech, language and hearing sciences /history; Education/history; Educatoin, higher; Review literature [Publication type]

■ REFERÊNCIAS

1. Brasil. Lei 6.965 de 09/12/1981. Brasília (DF); 1981.
2. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Exercício profissional do fonoaudiólogo. Brasília (DF); 2002.
3. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Número de fonoaudiólogos ativos no Brasil [mensagem pessoal]. [citado 2004 Mar. 11]. E-mail para (sbacha@terra.com.br)
4. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução CFFa nº 157/96. Brasília (DF); 1996.
5. Jakubovicz R. A Fonoaudiologia como ciência. Rev Fonoaudiol Bras. 2000;(3):24-9.
6. Moreira JR. Educação e desenvolvimento no Brasil. Rio de Janeiro, 1960. [Centro Latino-americano de Pesquisa em Ciências Sociais].
7. Ribeiro MLS. História da educação brasileira : a organização escolar. 16ª ed rev. e ampl. Campinas (SP): Autores Associados; 2000.
8. Niskier A. Educação brasileira : 500 anos de história , 1500-2000. São Paulo: Melhoramentos; 1989.
9. Berberian AP. Fonoaudiologia e educação: um encontro histórico. São Paulo: Plexus;1995.
10. Saviani D. Escola e democracia : teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32a ed. rev. Campinas (SP): Autores Associados, 1999. [Série polêmicas do nosso tempo, 5].
11. Freitas MTA. O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil. 4a ed. Campinas,(SP): Papyrus Editora;1999.
12. Cavalheiro MTP. A saúde e a educação na prática e na formação do fonoaudiólogo. In: Lacerda CBF, Panhoca I. organizadores. Tempo de fonoaudiologia. Taubaté (SP): Cabral Editora Universitária; 1997. p. 179-86.
13. Meira I. Breve relato da história da fonoaudiologia no Brasil. In: Marchesan IQ, Zorzi JL, Gomes ICD organizadores. Tópicos

- em fonoaudiologia 1997/1998. São Paulo:
14. Figueiredo Neto LE. O início da prática fonoaudiológica na cidade de São Paulo: seus determinantes históricos e sociais [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo;1988.
 15. Cavalheiro MTP. Reflexões sobre a relação entre a fonoaudiologia e a educação. In: Girotto CRM. Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola. São Paulo: Plexus; 2001. p. 11-23.
 16. Amorim A. Fundamentos científicos da fonoaudiologia. São Paulo: Ciências Humanas;1980.
 17. Zorzi JL. Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.
 18. Zorzi JL. A intervenção fonoaudiológica nas alterações da linguagem infantil. São Paulo: Revinter;1999. 139p.
 19. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução 232. Brasília (DF); 1999.
 20. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução 260. Brasília (DF); 2000.
 21. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução 274. Brasília (DF); 2001.
 22. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Recomendação CFFa nº 4. Brasília (DF); 2001.
 23. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Código de Ética Profissional. Brasília (DF); 2004.
 24. Conselho Regional de Fonoaudiologia – 2ª Região. A fonoaudiologia em outros países. J Cons Reg Fonoaudiol (2ª Região/SP). 1998;(24). Disponível em: <http://crfasp.org.br/24_pesquisa.html>. Acesso em: 27 set. 1998.
 25. Conselho Regional de Fonoaudiologia – 2ª Região. A fonoaudiologia em outros países. J Cons Reg Fonoaudiol (2ª Região/SP) 1998;(25). Disponível em: <http://www.crfasp.org.br/jornal25_entrevista.html>. Acesso em: 27 set. 1998.
 26. Conselho Regional de Fonoaudiologia – 2ª Região. A fonoaudiologia em outros países. J Cons Reg Fonoaudiol (2ª Região/SP). 1998;(26): p. 6-7,
 27. Conselho Regional de Fonoaudiologia – 2ª Região. A fonoaudiologia em outros países. J Cons Reg Fonoaudiol (2ª Região/SP). 1999;(27). Disponível em: <http://www.crfasp.org.br/jornal27_pesquisa.html>. Acesso em: 27 set. 1999.
 28. Conselho Regional de Fonoaudiologia – 2ª Região. A fonoaudiologia em outros países. J Cons Reg Fonoaudiol (2ª Região/SP). 1999;(28). Disponível em: <<http://www.crfasp.org.br/jornal28/artigos1.html>>. Acesso em: 27 set. 1999.
 29. American Speech-language-hearing Association. Directory for speech-language-pathologists (speech therapists / logopedists / orthophonistis). USA:ASHA; 1994.
 30. Pochmann M. Políticas de emprego e renda no Brasil. In: Pochmann M. O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: Contexto;1999. p. 107-34.
 31. Cruz RM. Formação profissional e formação humana: os (des) caminhos da relação homem-trabalho na modernidade. In: Aued, BW organizador. Educação para o (des) emprego. Petrópolis: Vozes; 1999. p. 175-90.

RECEBIDO EM: 15/03/04

ACEITO EM: 26/06/04

Endereço para correspondência:

Rua Domingos Marques, 961

Campo Grande - MS

Cep: 79003-190

Tel.: (67) 326-2158 / 341-1727 / 9981-3068

e-mail: sbacha@terra.com.br